

Os graus e modalidades de participação do negro nestes processos são analisados na 2.^a parte do livro, quando a atenção do A. se desloca deste nível descritivo estrutural para a integração profissional do elemento de cor. Deste exame, conclui que o rádio reproduz de modo geral a situação do negro na sociedade: ele está sempre no exercício de atividades subalternas e mal remuneradas; fora daí (o que dá o caráter de excepcionalidade a seu aproveitamento pelo rádio), ele está presente nas "atividades profissionais ligadas à comercialização da música popular": músico, cantor etc. Esta presença profissional é interpretada pelo A. como "confinamento" do negro na estrutura empresarial. Para que este "confinamento" perdure, há vários mecanismos em atuação, dentre os quais se destacam os estereótipos que formam a imagem estilizada do preto como profissional. Através destes estereótipos, os negros se qualificam ou não para ocuparem cargos na emissora; vários depoimentos de produtores e diretores artísticos ilustram como o negro, julgado ou visto através de tais imagens, sofre dificuldades e é até impossibilitado de ocupar cargos de maiores responsabilidades. Se os negros não se qualificam para certos cargos, em compensação e, melhor do que os brancos, eles se qualificam para ocupar posições ligadas à música, pois é crença geral naquele meio de trabalho que o ritmo e a música estão no sangue do preto, como se esses elementos culturais fossem componentes biológicos obrigatórios do grupo de cor.

A maneira intensa como o próprio negro participa dessas associações é bem caracterizada na frase de um cantor mulato: "A gente precisa saber o lugar da gente: onde a gente é bom e onde não é" (p. 164).

Segundo o A. "quando esta imagem sai dos bastidores e alcança o mundo programático assiste-se ao nascer do *negro caricatura*". Essa imagem que se tem do preto e de sua vida é transformada em divertimento através de programas humorísticos, que transmitidos ao público, difundem e reforçam os estereótipos a respeito da raça negra.

Por fim, no último capítulo, é ensalada uma interpretação das condições culturais que num dado momento sócio-histórico da vida brasileira, possibilitaram a revalorização de um tipo de música tida como "negra", e com esta revalorização, possibilitaram também o aproveitamento do elemento humano a ela ligado. O A. fecha seu livro, tecendo algumas considerações finais a respeito da participação do negro radialista em outras esferas do todo social, pondo em destaque as barreiras e os problemas que ele encontra ao tentar participar de esferas associativas de brancos; João Baptista Borges Pereira lança-se desta maneira na discussão existente entre estudiosos de temas raciais, que tem como tema central a interrogação — o preconceito existente no Brasil é de "classe ou de cor" (?). — SOLANGE MARTINS COUCEIRO.

LUZ, Nícia Villela — *A Amazônia para os Negros Americanos* (As origens de uma controvérsia internacional), Editora Saga, Rio de Janeiro, 1968.

E Editora Saga lançou, em 1968, a obra de Nícia Villela Luz: *A Amazônia para os Negros Americanos*. Trata-se de um livro de 188 páginas, prefaciado por Sérgio Buarque de Holanda, e no qual encontramos, além da introdução da Autora, seis capítulos rigorosamente cuidados, com abundantes notas informativas em pé de página, conclusões e uma bibliografia muito vasta e muito bem selecionada.

"E, rigorosamente um trabalho de história, que, alheio a intuítos polêmicos, não tra, consegue ferir temas de atualidade permanente, autorizando-os com os métodos mais adequados de análise e com os instrumentos mais eficazes de pesquisa". Assim viu Sérgio Buarque de Holanda o trabalho da historiadora Nícia Villela Luz, no que diz respeito ao livro de que ora nos ocupamos.

Trata-se, a nosso ver, de obra de grande importância para o entendimento do problema do Amazonas e do constante despertar do interesse internacional pela sua ocupação efetiva e exploração comercial. É um assunto muito atual e sempre presente, e dessa forma pode dar a idéia de ser uma obra polêmica, mas a Autora salienta:

"O assunto, por se tratar de ambições estrangeiras, sobre uma parte do território nacional, pode dar margem a polémicas e a explorações demagógicas. Não é esse o nosso intuito. No campo internacional a competição e a luta têm sido um fenômeno freqüente, normal, e cumpre encará-los com realismo." (p. 22).

E este princípio de não transformar seu trabalho numa polêmica pura e simples, sem resultados mais fecundos, parece-nos foi mantido em todos os capítulos. Também, em nenhum momento de sua obra deixou de lado a objetividade, traço sempre presente nos trabalhos da Autora.

Aborda de forma muito interessante o Redescobrimento do Amazonas, primeiro capítulo do livro, em que mostra que a "visão do paraíso tropical, que se projetara sobre a América desde o seu descobrimento, paradoxalmente não desapareceria com a 'Revolução Industrial'". Esta vai, é verdade, despertar novamente o impulso, mas "sob novos aspectos e com outras ressonâncias". É neste capítulo que Nícia Villela Luz dá ao leitor uma visão geral da conjuntura internacional, "indicando as tendências do pensamento europeu a cerca do Amazonas e das regiões tropicais". Neste primeiro capítulo, que a Autora chamou de introdutório, entramos em contato com o pensamento de Bernardin de Saint Pierre, que "conciliava o espírito industrioso, laborioso da época com a imagem da Arcádia sonhada." Ao mesmo tempo, podemos reencontrar Humboldt, e sentir a sua posição face a Amazônia, para citar somente aqueles que nos pareceram mais significativos e que sintetizaram o pensamento europeu, pelo menos quanto ao Amazonas.

Desenvolvia-se a idéia de um novo movimento colonizador. Este transformou-se numa mística que "vai encontrar um líder na figura impar de Mathew Fontaine Maury, tenente da Marinha dos Estados Unidos." (p. 48)

O Capítulo II cuida da figura de Maury. Este vai "endossar e incorporar a ideologia do novo colonialismo e, ao mesmo tempo, será o porta-voz dos interesses do sul dos Estados Unidos, região que, em meados do século XIX, entrou em grave crise que conduziria ao aniquilamento da sua sociedade monocultora e escravista". (p. 49).

O tenente da marinha dos Estados Unidos é estudado cuidadosamente e seus planos para a efetiva ocupação da Amazônia são abordados sob os mais diversos ângulos, sendo no entanto, a nosso entender, bastante interessante anotar a seguinte citação da Autora, à página 57:

"Este mundo, entretanto, ao contrário do que pensava Humboldt, não era considerado por Maury como o *habitat* natural do homem, isto é, do homem branco. Imbuído de idéias racistas...". "A Amazônia era, para o tenente americano, o *habitat* natural do negro e do negro escravo:

"Este vale é uma região para escravo", escrevia Maury.

E Nícia Villela Luz ressalta o fato de que Maury estava preocupado com o problema do negro nos Estados Unidos e principalmente com o fato de que a abolição da escravatura era eminente. Encontrou no Amazonas a solução perfeita, pois aí se poderiam abrigar todos os negros dos Estados Unidos e evitar os problemas advindos da abolição e o conseqüente desenvolvimento de uma sociedade de negros livres na América.

Estuda a Autora, pormenorizadamente, todos os esforços dispendidos por Maury e sua atuação junto ao Governo Americano e ainda sua atividade na imprensa e através desta a sua penetração na opinião pública.

Nos capítulos seguintes, aborda a posição dos EE.UU. face ao problema e a atuação de Maury nos meios políticos norte-americanos; a Política brasileira e a navegação do Amazonas, em que estuda com muita propriedade o papel exercido pela nossa diplomacia e atuação do governo Imperial na tentativa de impedir a pressão direta do Governo dos Estados Unidos nos negócios da Amazônia. Estuda, então, a atuação de Mauá e a concessão da exploração da navegação do Amazonas como monopólio de Irineu Evangelista de Sousa; aborda, a seguir, a política amazônica das repúblicas ribeirinhas e a diplomacia continental, quando analisa a atuação da nossa diplomacia tentando neutralizar a influência dos Estados Unidos junto às demais repúblicas ribeirinhas — Bolívia, Peru, Equador, Nova Granada e Venezuela — ao mesmo tempo em que defende, no tocante à navegação do Amazonas, a exclusividade para os mesmos países ribeirinhos. É um capítulo muito elucidativo no que diz respeito à política sulamericana e à ocupação da Amazônia; o último capítulo aborda o desfêcho da questão, mostrando o quanto outras preocupações internas, como a Secessão, e externas, como Cuba, desviaram a atenção do Governo e da opinião pública dos Estados Unidos com relação à ocupação do Amazonas. Aos poucos, Maury perde a sua influência e a sua tese vai deixando de ter seguidores, embora a idéia do Amazonas esteja sempre presente.

Mostra a Autora a posição assumida pelo Governo dos Estados Unidos, face às medidas adotadas pelo Governo de Pedro II. E ao final, conclui que depois de muitas questões surgidas da competição internacional e da falta de maior cooperação "a Amazônia, com suas ambicionadas riquezas, foi abandonada à sua sorte, isto é, à pilhagem da cobiça nacional aliada à ambição internacional, em vez de se tornar o celeiro sonhado por Humboldt ou jardim imaginado por Maury. Hoje ainda e mais do que nunca este vazio demográfico representa, na região amazônica, uma ameaça à nossa integridade territorial."

É uma obra de interesse para todos que se ocupam da História do Brasil, em especial aos que se dedicam ao estudo do século XIX. E, como diz Sérgio Buarque de Holanda, "pode-se dizer em suma que a isenção, a objetividade, o realismo são das qualidades mestras deste livro, além da riqueza de informação e do raro dom de saber captar e fixar com segurança os problemas de mais constante atualidade". — JOSÉ SEBASTIÃO WITTER.

AVILA, Afonso — *O Poeta e a Consciência Crítica*. Uma linha de tradição, uma atitude de vanguarda. Petrópolis, Ed. Vozes Ltda., 1969. 103 pp.

A natureza da militância crítica leva, muitas vezes, à emissão de juízos apresados ou mal formulados ou ainda ao alinhavar ligeiro de algumas idéias que mal alcançariam — seja pelo conteúdo, seja pela extensão — os limites dignos de um artigo. No entanto esses textos ficam esquecidos nos suplementos literários, nada se altera e, no máximo talvez, poderão servir um dia para o levantamento do ideário do autor, se ele vier a se notabilizar.

Todavia, o ofício corre riscos sérios quando o crítico se lança à tarefa de reunir seus textos sob forma de livro, desprezando qualquer critério seletivo, isto é, desprezando aquilo que o define enquanto intelectual: o juízo de valor.

Surgem, então, altos e baixos dentro da coletânea, que denunciam — pode parecer — a pressa em se colocar mais um livro na praça... e no currículo.